

Discurso de Posse na Academia de Medicina de São Paulo

Lybio José Martire Junior



Lybio José Martire Junior proferindo discurso na sede da Associação Paulista de Medicina, em 16/10/2018.

Exmo. Acadêmico José Roberto de Souza Baratella
DD. Presidente da Academia de Medicina de São Paulo
Exmo. Acadêmico José Luiz Gomes do Amaral
DD. Presidente da Associação Paulista de Medicina
Exma. Dra. Cristina Hajaj
DD. Representante do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo
Exmo. Prof. Dr. Elvio Bueno Garcia
DD. Presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica Regional de São Paulo
Autoridades Presentes, Ilustres Acadêmicos, Estimados Familiares, Estimados Amigos, Senhoras, Senhores.

Dizem que, certa vez, perguntaram a um sábio: de todos os bens que podemos obter na vida, qual tem maior valor?

Ao que ele respondeu, as emoções, pois são o único bem de valor que se leva da vida, porque elas podem ser guardadas no coração.

Por isso, inicialmente, agradeço a presença de tantas pessoas queridas que vieram compartilhar comigo esta emoção e torná-la ainda mais radiante e colorida para o acervo de meu coração.

Quero agradecer também ao Acadêmico Dr. Guido Arturo Palomba, ícone da psiquiatria forense e ex-presidente desta Casa, e ao Acadêmico Dr. João Sampaio de Almeida Prado,

exponente da psiquiatria e da psicanálise, por me terem dado a honra de acompanhar-me no ingresso a este recinto que simboliza a entrada oficial neste Sodalício. Ingressar nesta Academia, ladeado por Florões de suas especialidades, é uma honra da qual jamais me esquecerei.

Do mesmo modo, ficará indelevelmente esculpida em meu coração a saudação feita em nome da Academia pelo Acadêmico Dr. Juarez Moraes de Avelar, a quem agradeço pela honra e pelas gentis palavras, além de eminente e exímio cirurgião plástico, duas vezes presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, e também uma referência mundial na cirurgia reconstrutiva de orelha.

Agradeço, ainda, muito respeitosamente, a todos os Ilustres Acadêmicos desta Casa que, com a gentil dádiva de seus votos, elegeram-me para ocupar a cadeira 71 desta augusta Academia.

O termo Academia evoca a antiga Grécia, quando Platão, o eminente filósofo, fundou sua célebre Escola onde se localizavam os jardins de Akademo, o herói ático da mitologia, que, segundo a tradição lendária, havia ajudado Castor e Polideuces (*Pólux*, em latim) a libertar sua irmã Helena, então prisioneira de Teseu.

O jardim possuía doze oliveiras, e reza a lenda que Akademo estava enterrado lá. Por isso, a Escola de Platão ficou conhecida como a "Academia".

Mais tarde, a partir do Renascimento, o termo passou a ser usado para designar os locais de agremiação de intelectuais, filósofos e artistas, surgindo então muitas Academias na Europa.

As Academias de Medicina, especificamente, começam a aparecer a partir do século XVIII, encontrando, na França, sua célula *mater*.

Este sodalício, a Academia Paulista de Medicina, encontra-se entre as agremiações médicas mais antigas do Brasil, fundada em 1895.

Sinto-me muito enaltecido em integrá-la a partir de hoje, mas, além do orgulho e da satisfação, também sinto o peso de uma grande responsabilidade, ao lembrar que sentaram nestas cadeiras, espargindo sua luz, tantos luminares da medicina, cujos nomes são sobejamente conhecidos de todos, como: Luiz Pereira Barreto, Arnaldo Vieira de Carvalho (fundador da Faculdade de Medicina da USP), Rubião Meira, Alberto Seabra, Evaristo da Veiga, Flaminio Fávero, Benedicto Montenegro, Alípio Correia Neto, Diogo de Faria, Carlos da Silva Lacaz, Dante Pazzanese, Edmundo Vasconcelos, Victor Spina, Domingos Delácio, Caetano de Campos (aquele que dá nome à famosa Escola Normal), Jairo Ramos, Vital Brazil, Emílio Ribas, Antonio Carlos Pacheco e Silva (fundador da Escola Paulista de

Medicina da UNIFESP), Cantídio de Moura Campos (Fundador da UNICAMP), Eurico Branco Ribeiro (fundador da SOBRAMES), Euricles de Jesus Zerbini, apenas para citar alguns que já não mais se encontram entre nós, para não me estender, todavia, a honra, a satisfação e o peso da responsabilidade ampliam-se ainda mais, por estar agora ladeando expoentes da medicina contemporânea, aqueles que ocupam as demais 129 cadeiras desta Academia, muitos dos quais me deram o privilégio de estarem hoje aqui presentes.

Fiquei ainda mais feliz e honrado quando tomei conhecimento de que a cadeira de número 71, que agora passo a ocupar, possui a ela ligadas duas mulheres ilustres: minha antecessora e a Patronesse.

Sim, porque hoje a maioria dos estudantes em muitas faculdades de medicina pertence ao sexo feminino, mas não foi sempre assim, muito pelo contrário, o curso de medicina foi proibido às mulheres por muito tempo, e elas apenas atuavam como auxiliares dos médicos, qual as irmãs de caridade, com raríssimas exceções circunstanciais, como ocorreu com Anna Morandi Manzolini, no século XVIII, na Universidade de Bologna, na Itália, que, sem ter estudado medicina, tornou-se professora de anatomia naquela universidade quando seu marido, o professor de fato, faleceu muito jovem e, como ela o ajudava, foi convidada a continuar lecionando, tornando-se famosa por isso.

Não era permitido a mulheres cursar medicina, em nenhum país.

A primeira mulher a conseguir quebrar essa barreira nas Américas foi Elizabeth Blackwel, em 1849, nos Estados Unidos, por uma circunstância casual, mas naquele país, ainda assim, mesmo depois dela, tentou-se cercar por um tempo o ingresso das mulheres na medicina, usando o artifício da criação de faculdades só para mulheres.

No Brasil, o ingresso de mulheres só foi permitido com a Reforma Leônico de Carvalho, em 1879. Mas, durante muito tempo, mesmo no início do século XX, as mulheres médicas eram em número muito pequeno.

Por essa razão, aquelas que conseguiam essa proeza eram dignas de admiração e tinham valor pelo simples fato de ocuparem posição de vanguarda em seu tempo.

Minha antecessora na Cadeira 71 foi a Acadêmica Profa. Dra. Maria Odette Ribeiro Leite, nascida em 18 de setembro de 1927, na capital de São Paulo, filha de Maurício Ribeiro Leite e de Lucie Chamuzeau Leite. Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em 1952. Foi uma profissional exemplar e, segundo seus familiares, casada com a medicina, dedicando-se integralmente à profissão. Era especialista em Endocrinologia



Da esquerda para a direita: José Luiz Gomes do Amaral, Lybio José Martire Junior, Guido Arturo Palomba e João Sampaio de Almeida Prado.

e Metabologia e foi no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP que exerceu sua profissão de forma mais ampla e duradoura, onde foi professora assistente até sua aposentadoria compulsória, em 1997, mas, mesmo após a aposentadoria compulsória, continuou como voluntária na orientação de residentes, pós-graduandos e estagiários do serviço e da disciplina de Endocrinologia e Metabologia do HC-FMUSP.

Atuou no IAPI e no INSS entre 1955 e 1975, também exerceu atividades clínicas, assumindo, a partir de então e até agosto de 1983, o cargo de chefe de Grupamento Médico Pericial da Agência do Ipiranga. No consultório, desenvolveu atividades clínicas e de pesquisa, de maio de 1965 a janeiro de 2009.

Foi Vice-Presidente e também Presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, recebeu a medalha comemorativa do cinquentenário do Hospital das Clínicas em 1994, foi conferencista em congressos nacionais e internacionais de sua área, publicou vários trabalhos de pesquisa, bem como participou de livros e capítulos de livros.

Tornou-se Titular da Academia de Medicina de São Paulo em 1987 e faleceu aos 87 anos, em 2015.

A Patronesse da Cadeira 71 é Carlota Pereira de Queirós. Nasceu em 13 de fevereiro de 1892, na cidade de São Paulo. Era filha de José Pereira de Queiroz e de Maria Vicentina de Azevedo Pereira de Queiroz.

Notabilizou-se pelo fato de ter sido uma mulher de vanguarda para o seu tempo, não aceitando as limitações infligidas pela sociedade. Ingressou na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, mas, no início dos anos 1920, transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se graduou, em 1926, com a tese *Estudos sobre o Câncer*, monografia galardoada com o Prêmio Miguel Couto.

Em 1929, foi comissionada pelo governo paulista para estudar dietética infantil em centros médicos da Europa. Esteve na Suíça, França e Alemanha, fazendo cursos de aperfeiçoamento e trabalhando com médicos célebres daqueles países.

Respeitadíssima, teve notável atuação durante a Revolução Constitucionalista de 1932, quando o Estado de São Paulo se rebelou contra o governo provisório de Getúlio Vargas.

Junto com a Cruz Vermelha Paulista, organizou um grupo de 700 mulheres no "Departamento de Assistência aos Feridos", além de dirigir a "Oficina de Costura", condutas que, além de despertarem-na para a vida pública, deram-na visibilidade, culminando com a conquista de uma vaga na Assembleia Nacional Constituinte de 1934.

Em novembro de 1932, fez parte da comissão que foi ao Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro, para buscar os últimos prisioneiros constitucionalistas que ainda estavam internados.

Carlota Pereira de Queiroz foi a primeira deputada federal da história do Brasil, eleita pelo Estado de São Paulo, no sufrágio de 3 de maio de 1933, para uma das 254 cadeiras da Câmara dos Deputados da Assembleia Nacional Constituinte de 1934. Fez a voz e os anseios femininos serem ouvidos no Congresso Nacional.

Como parlamentar e com o seu conhecimento, lutou pela defesa da mulher, pelo fim da miséria e pelos direitos das crianças, sobretudo as abandonadas, trabalhando por melhorias educacionais.

Criou o primeiro projeto sobre serviços sociais no Brasil.

Dinâmica e culta, Carlota Pereira de Queiroz publicou, ainda, diversos artigos, advogando pela igualdade social e melhoria no tratamento da mulher brasileira.

Após a promulgação da nova Carta Magna, em 1934, elegeram-se novamente para um mandato que exerceu até novembro de 1937.

Entretanto, Carlota Pereira de Queiroz jamais se afastou da medicina e sempre exerceu sua profissão. Ingressou como membro titular desta Academia em 1º de abril de 1941. Pertenceu também à Association Française pour l'Étude du Cancer, à Academia Nacional de Medicina de Buenos Aires e se tornou a primeira médica honorária da Academia Nacional de Medicina, ingressando nesse sodalício em 5 de julho de 1942.

Em 1950, fundou a Academia Brasileira de Mulheres Médicas, entidade que presidiu durante alguns anos. Por tudo isso, ela é considerada um ícone das médicas do Brasil.

Destacou-se também como escritora e historiadora, publicando as obras *Um Fazendeiro Paulista no século XIX* (1965) e *Vida e Morte de um Capitão-Mor* (1969).

Carlota Pereira de Queiroz faleceu em sua cidade natal, São Paulo, em 14 de abril de 1982, aos 90 anos. É honrada como patronesse da cadeira número 71 da augusta Academia de Medicina de São Paulo.

A cidade de São Paulo lhe homenageou com um busto em bronze, monumento que se encontra na Praça Califórnia, no Bairro de Pinheiros, dá nome a uma avenida no distrito do Socorro, a uma Escola de Educação Infantil no distrito de Cidade Tiradentes, e ainda é homenageada com o nome de uma rua na Cidade de Curitiba.

É uma grande honra, portanto, tê-la como Patronesse.

A ela rendo minhas homenagens e a promessa de honrar esta Cadeira por todo o tempo que Deus me conceder em minha vida terrena.

Aproveito para agradecer e felicitar o Acadêmico Dr. Hélio Begliomini, eminente médico, historiador e escritor, pelas informações contidas em seu livro magnífico intitulado *Prógonos da Academia de Medicina de São Paulo*, de onde extraí a biografia citada.

Já finalizando, quero salientar que um dos aspectos que mais me deixou em júbilo por fazer parte deste sodalício é que as Academias de Medicina prestam grande serviço à sociedade, não apenas porque contribuem significativamente para a preservação da história, da memória e da cultura médica, mas porque, principalmente, são elas atualmente as reais depositárias da medicina em seu âmago, pois, em nossos dias, mundialmente falando, em que se valoriza demais a tecnologia em detrimento da relação humana, em que se dá mais importância aos bonecos simuladores do que ao paciente na graduação médica, é nas academias de medicina que se encontra, ainda, na sua forma mais pura e mais autêntica, o cerne da arte de curar, que é ciência no conteúdo, mas é arte na sua aplicação.

Não se aprende relação humana com aparelhos, por mais sofisticados que sejam, nem é a tecnologia que ensina valores humanísticos, mas estes são pungentes em uma Academia de Medicina, seja pela experiência, vivência profissional, cultura e bagagem humanística de seus



Lybio José Martire Junior sendo condecorado pelo Acadêmico Helio Begliomini.

integrantes, seja pelos próprios desígnios estatutários primaciais, pois, por meio de debates, sugestões e promoção de eventos, uma Academia, ao cumprir seus objetivos, pode orientar e influenciar decisões governamentais sobre a prática da medicina e a formação do médico.

Em última análise, nos dias de hoje, é nas Academias de Medicina que reside, de fato, a essência da arte de curar.

Para encerrar, trago aqui uma poesia que fiz e que traduz esse pensamento humanístico na medicina de uma forma mais enfática.

Medicina e poesia

A medicina
é ciência e é arte
na concepção perfeita
que a história não nega,
posto que é preciso,
ao artífice da cura
que a ela se entrega,
harmonizar no espírito,
o conhecimento,
a determinação do cientista,
a sensibilidade, o tato do artista.
E se da mente perspicaz emana
o raciocínio para diagnosticar e curar,
das mãos a habilidade para o corpo restaurar
por que não de fluir do coração
a veia poética para sensibilizar
e tocar a alma humana.

Lybio José Martire Junior

Discurso de Posse na Academia de Medicina de São Paulo proferido no Auditório Nobre da Associação Paulista de Medicina, em 16/10/2018.

Eutanásia: óbito piedoso

Luiz Gonzaga Bertelli

Nas lições dos notáveis mestres, F. Favero e Costa Júnior, a eutanásia, ou o direito de matar, é um vocábulo de origem grega – e eu (bem) + tha natos (morte) –, significando “morte boa”, morte dócil e livre de sofrimentos. Teoria segundo a qual é lícito pôr fim à vida dos doentes incuráveis.

Para Jimenez de Asúa, a expressão mencionada “morte boa” (eutanásia) consiste tão somente na morte tranquila e sem dor, com fins libertadores de padecimentos insuportáveis e sem cura, a pedido do paciente.

Historicamente, entre os povos primitivos, a eutanásia era praticada com frequência. O filho poderia sacrificar o genitor enfermo, concedendo-lhe a chamada “morte boa”.

À época de Hipócrates, os médicos eram chamados a aliviar, pela morte, os doentes, fartos da sua existência e do sofrimento.

Cleópatra instalou no Egito uma “Academia”, cujo escopo era o de realizar experiências, no que concernia aos meios menos dolorosos da morte.

No circo romano, quando o lutador ferido demorava para falecer, em agonia cruel, era um ato de compaixão matá-lo. Portanto, um procedimento eutanásico.

Não admitia, no entanto, tal prática o cristianismo, ao invocar o mandamento: “não matarás”.

A Igreja Católica considera a eutanásia contrária aos fins a que se endereça a vida, ao respeito que se deve à morte e ao direito que Deus possui sobre todos os seres e à missão sobrenatural da dor, que purifica o homem e o eleva aos mais altos horizontes.

Conta-se que o médico dos exércitos napoleônicos, Desgenettes, contrariou a determinação do “gênio da guerra”, de eliminar a vida de homens contaminados da peste e irrecuráveis, pronunciando as seguintes palavras: “Meu dever é o de conservar a existência humana”. No terreno estritamente médico, combate-se a eutanásia. Recordam-se os constantes progressos da ciência, que limitam cada vez mais o campo das enfermidades verdadeiramente incuráveis. Mencionam-se os frequentes erros que cometem os médicos em seus diagnósticos.

O consenso jurídico dos povos cultos repele a eutanásia, eis que ela se insere entre os crimes contra a vida.

Os nossos maiores juristas salientam a impossibilidade da defesa da eutanásia, uma vez que a vida é um bem indisponível e anormal.

Não obstante as ponderações exaradas, a eutanásia deverá ser admitida como o próximo tema da liberalização dos costumes entre nós.



Repete-se com a eutanásia o mesmo propósito seguido no mundo quanto à liberalização do aborto. É possível que a eutanásia venha a ser praticada à revelia da deliberação da vítima, por exemplo, um deficiente mental ou uma criança.

Em muitos países, entre eles, Holanda, Bélgica, Canadá, Colômbia, Ásia, Coreia do Sul e cinco estados dos EUA, a adoção da eutanásia ativa já acontece.

Quanto à eutanásia passiva, quando o paciente recusa os tratamentos, notadamente os indispensáveis à preservação da vida, a prática já é usual na Alemanha, África do Sul, Reino Unido e 20 Estados americanos.

Para apurar a veracidade da alegação de que a vítima sofria de lesão que de qualquer forma lhe tornava a vida intolerável, a autopsia poderá ser providência decisiva.

Luiz Gonzaga Bertelli

Presidente da Academia Paulista de História – APH. Presidente da União dos Juristas Católicos de São Paulo – UJUCASP.

Rodolpho Civile, o Contista do Bixiga!

“Se non è vero, è ben raccontato”

“Se não for verdade, é bem contado”

Provérbio italiano

Helio Begliomini

Embora ele não tenha tido a fama de João Rubinato (1910-1982), valinhense de nascimento e que se tornou nacionalmente conhecido com o pseudônimo de Adoniran Barbosa, um dos mais importantes nomes da música popular brasileira e eternizado como “Poeta do Bixiga”, teve o mesmo carinho por esse inusitado bairro paulistano, reduto do passado de imigrantes italianos. Aí, na Bela Vista, região próxima do centro da cidade como é oficialmente conhecida, não somente viveu mas também teve seu consultório durante 25 anos (!), amalhando muitas recordações que, anos mais tarde, serviam-lhe de inspiração para cenário e criação de protagonistas de muitos dos seus contos e crônicas.

À semelhança de Adoniran Barbosa, ele bem sabia colocar no diálogo de seus personagens palavras corriqueiras, do dia a dia, com um português popularesco nem sempre correto, mas usual, e que os caracterizavam no ambiente onde viviam, que, vez por outra, eram temperadas com vocábulos italianos ou do dialeto calabrês, aliás, região de onde provinha seu avô paterno Antonio Civile, protagonizando-o num de seus primeiros livros: *A História de uma Família Calabresa*.

Da mesma forma, seus escritos eram leves, descontraídos e frequentemente hilariantes, prendendo a atenção de todos que o ouviam. Contudo, não se pode dizer que ele foi apenas contista, absolutamente! Em sua obra literária, também se encontram em quantidade e qualidade expressivas: biografias, ensaios, memórias, fábulas e romances.

Esses, dentre tantos outros predicados, marcaram a figura do querido amigo e inesquecível escritor Rodolpho Civile, paulistano, nascido em 25 de janeiro de 1925, no mesmo dia de aniversário de sua cidade natal!



Rodolpho Civile.

Civile, como todos carinhosamente o chamavam, graduou-se em 1952, na tradicional Escola Paulista de Medicina. Atuou como assessor médico do Sindicato de Energia do Estado de São Paulo; supervisor médico do INPS – Instituto Nacional de Previdência Social; médico da Prefeitura do Município de São Paulo, além ter sido sócio fundador do Hospital Nossa Senhora de Lourdes. Dedicou-se também à medicina do trabalho e foi coautor do *Manual Prático de Segurança, Higiene e Medicina do Trabalho* (1973).

Rodolpho Civile foi um dos mais ativos, perseverantes e cativantes membros da Sociedade Brasileira de Médicos

Escritores – Regional do Estado de São Paulo (Sobrames-SP), bem como imortal da Academia de Letras de Campos do Jordão!

Certa feita, confidenciou-me que, sondado para concorrer a uma vaga numa outra academia de letras, de uma cidade do Vale do Paraíba, declinou do convite, visto que as reuniões coincidiam com as tertúlias da Sobrames paulista, e ele não podia se afastar dessa entidade e dos amigos que nela encontrou, pois os considerava uma extensão de sua própria família!

Rodolpho Civile caracterizava-se por ser simples, alegre, fraterno, desprendido, sereno e interativo. Há muitos anos havia se retirado da capital e fixado residência em São José dos Campos, no interior paulista. Contudo, durante anos e anos a fio e até um mês antes de seu falecimento, não se furtava em se deslocar mensalmente de sua cidade – costumeiramente às terceiras quintas-feiras –, para participar das tertúlias da Sobrames-SP, carinhosamente chamadas de Pizzas Literárias. Raramente faltava e sempre tinha algum trabalho para apresentar, solicitando, vez por outra, que alguns dos presentes fizessem dueto com ele, contracenando e dinamizando suas estórias.

Casou-se em 6 de junho de 1953 com Maria da Glória Moreira Civile, sua eterna namorada e com quem conviveu alegremente por 65 anos (!), sendo presença constante ao seu lado. Dessa feliz união nasceram três filhos: Rodolfo, Rogério e Rosana. Suas noras Luzia e Natacha deram-lhe quatro netos: Vinicius, Lígia, Tiago e Sofia; e um bisneto: Gustavo. Com o falecimento da nossa também amiga Maria da Glória, ocorrido em 10 de setembro de 2015, sua filha Rosana – exímia pianista! – tornou-se sua fiel companheira nas Pizzas Literárias e noutras atividades.

Ao ler seus textos, Civile – como bom descendente de italiano – vibrava com suas narrativas, descontraindo e prendendo a atenção de seus ouvintes. Por vezes, ria repetida e gostosamente do que ele mesmo havia escrito, contaminando a todos com seu riso! Dentre seus inesquecíveis e premiados contos, têm-se: “O Velho e o Cego”; “A Beata e o Padre no Confessionário”; “Amassando o Pão”; “As Alegres Comadres do Bexiga”; “Nicola, o Barbeiro do Bexiga”; “Pavana para uma Rolinha Morta”; “O Vendedor de Machadinho do Bexiga”; “O Amor entre os Elefantes”; “Calixto, o Colchoeiro do Bexiga”, entre outros.

Rodolpho Civile recebeu diversos prêmios literários e teve muitos trabalhos publicados em coletâneas e antologias da Sobrames paulista. Aliás, seu carisma, benquerença e frequência eram tão grandes a essa entidade que

teve o privilégio, em vida, de ver seu nome dado ao “Prêmio de Assiduidade Rodolpho Civile”, galardão que ele próprio recebeu, merecidamente, por diversos anos!

São de sua lavra os seguintes livros: 1. *A História de uma Família Calabresa*; 2. *Olhando o Dedão do Pé*; 3. *O Avô*; 3. *A Véspera de Natal em The Entrance*; 4. *Esperando a Eternidade*; 5. *O Julgamento do Dr...*; 6. *A Falésia das Almas*; 7. *Amor em Les Gets*; 8. *O Encontro no “Mont Saint-Michel”*; 9. *Aqui e Ali. Mosaico de Letras* (Coletânea); 10. *O Tempo Passou e Com Ele Nossos Sonhos*; 11. *Devaneios de um Vagabundo Andarilho*; 12. *O Olho do Galo*; 13. *Um Calabrês na Índia*; 14. *O Retorno do Vagabundo Andarilho*; 15. *O Chinelo Furado do Zoroastrita*; 16. *Um Burro na Burra*; 17. *As 15 Brácteas da Alcachofra Dourada*; 18. *Momentos do Passado – Contos e Crônicas do Bexiga*; 19. *Momentos que o Tempo Levou...* e 20. *Memórias Literárias – Contos e Crônicas de Rodolpho Civile* (editor Marcos Gimenes Salun).

Rodolpho Civile, mesmo em idade provecta, levantava-se de madrugada para praticar exercícios de Yoga. Aliás, ele é autor do *Manual Prático de Hatha-Yoga*.

Nutria um carinho especial e explícito por mim e por minha esposa. Convidava-nos, reiteradamente, para fazer-lhe uma visita quando íamos a Ubatuba, ao passar por São José dos Campos. Tive, ao lado de minha esposa e de outros amigos da Sobrames paulista, o privilégio de participar, em sua cidade, da comemoração de seus bem vividos e profícuos 90 anos!

Rodolpho Civile teve por genitores João e Josephina e sempre reconheceu e agradeceu o quanto seus pais haviam feito por ele! Esteve lúcido e produtivo até o final de seus dias. Partiu em 7 de outubro de 2018, na juventude e na candura de seus 93 anos! Ele soube honrar a medicina e teve destaque especial nas letras, confirmando em seus contos o adágio italiano: “Se non è vero, è ben raccontato”. Se Adoniran Barbosa foi o “Poeta do Bixiga”, com certeza Civile foi, com muito brilho e criatividade, o “Contista do Bixiga”!

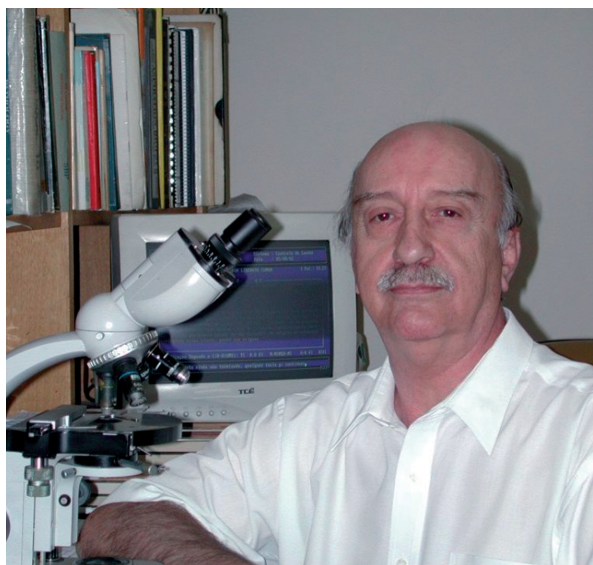
Helio Begliomini

Membro da Associação Paulista de Medicina, da Academia de Medicina de São Paulo, da Academia Cristã de Letras, da Academia Paulista de História e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.



coluna do livro

Analogias no ensino médico



Dr. José de Souza Andrade-Filho,
autor do livro *Analogias no ensino médico*

Pouquíssimas vezes nesta Coluna comentamos livros recém-publicados, isso porque a Biblioteca da APM tem acervo riquíssimo, histórico, quase impossível de ser adquirido em sebos ou livrarias, e torná-lo público é a intenção precípua.

Porém, especialmente, comenta-se a obra lançada há poucos meses, título em epígrafe, da lavra do ilustre Professor de Patologia, mineiro da gema, José de Souza Andrade-Filho. O leitor do *Suplemento Cultural*, com certeza, já leu os artigos do querido mestre, *Analogias em Medicina*, que há anos aqui se publica. E o livro em comento é a obra final desse encontro de termos usados para expressar e caracterizar fatos totalmente diferentes a envolver a Medicina.



Editado pela Coopmed, Belo Horizonte, 2018, 309 páginas de puro deleite, disposto em ordem alfabética, a começar com "Abano, orelhas", e terminar com "Zumbido venoso". Entre ambos os verbetes, milhares de preciosidades. Parabéns, Professor José de Souza Andrade-Filho.

Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural Adjunto da APM.

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros e, principalmente, teses para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo

Diretor Adjunto: Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*)
e Alexandre Rodrigues de Souza

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O *Suplemento Cultural* somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.